

## **TOUROS, LEÕES, CÃES E BÚFALOS:** imagética poética e teologia no Salmo 22(21)

***BULLS, LIONS, DOGS AND BUFFALOS:***  
*poetic imagery and theology in Psalm 22(21)*

***TOROS, LEONES, PERROS Y BÚFALOS:***  
*imágenes poéticas y teología en el Salmo 22(21)*

**José Ancelmo Santos Dantas\***

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
São Paulo, SP, Brasil  
E-mail: [ancelmo\\_dantas@outlook.com](mailto:ancelmo_dantas@outlook.com)  
ORCID: [0000-0002-7693-5764](https://orcid.org/0000-0002-7693-5764)

### **RESUMO**

O artigo propõe uma leitura teológico-literária do Salmo 22, concentrando-se na função da imagética zoomórfica — touros, leões, cães e búfalos — na construção do drama do justo sofredor. Partindo da estrutura interna do poema, o estudo percorre o itinerário que vai da súplica angustiada à ação de graças e à abertura universal, evidenciando como a linguagem poética traduz a experiência concreta do sofrimento humano diante de Deus. As imagens dos animais, longe de constituírem ornamento retórico, expressam a violência moral, social e espiritual que ameaça a vida do orante, sem romper o vínculo de confiança no Senhor. O texto considera ainda a recepção cristã do salmo, especialmente à luz da Paixão de Jesus, preservando seu enraizamento veterotestamentário. Assim, o Salmo 22 revela-se espaço privilegiado de articulação entre linguagem, fé e história.

**Palavras-chave:** Salmo 22. Imagética zoomórfica. Justo sofredor. Teologia do sofrimento. Leitura teológico-literária.

### **ABSTRACT**

The article proposes a theological-literary reading of Psalm 22, focusing on the function of zoomorphic imagery — bulls, lions, dogs and buffaloes — in the construction of the drama of the just sufferer. Starting from the internal structure of the poem, the study follows the itinerary that goes from anguished supplication to thanksgiving and universal openness, highlighting how poetic language translates the concrete experience of human suffering before God. Animal images, far from constituting rhetorical ornament, express the moral, social and spiritual violence that threatens the life of the person praying, without breaking the bond of trust in the Lord. The text also considers the Christian reception of the psalm, especially in light of the Passion of Jesus, preserving its Old

---

\* Doutorado e mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialização em Sagradas Escrituras pelo Centro Universitário Claretiano. Graduação em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI.

Testament roots. Thus, Psalm 22 reveals itself to be a privileged space for articulation between language, faith and history.

**Keywords:** *Psalm 22. Zoomorphic imagery. Just sufferer. Theology of suffering. Theological-literary reading.*

### **RESUMEN**

*El artículo propone una lectura teológico-literaria del Salmo 22, centrándose en la función de la imagería zoomorfa – toros, leones, perros y búfalos – en la construcción del drama del justo que sufre. A partir de la estructura interna del poema, el estudio sigue el itinerario que va desde la súplica angustiada hasta la acción de gracias y la apertura universal, destacando cómo el lenguaje poético traduce la experiencia concreta del sufrimiento humano ante Dios. Las imágenes de animales, lejos de constituir un adorno retórico, expresan la violencia moral, social y espiritual que amenaza la vida del orante, sin romper el vínculo de confianza en el Señor. El texto también considera la recepción cristiana del salmo, especialmente a la luz de la Pasión de Jesús, preservando sus raíces veterotestamentarias. Así, el Salmo 22 se revela como un espacio privilegiado de articulación entre lenguaje, fe e historia.*

**Palabras clave:** *Salmo 22. Imagería zoomorfa. Sólo sufre. Teología del sufrimiento. Lectura teológico-literaria.*

## **1 INTRODUÇÃO**

O livro dos Salmos, composto por cento e cinquenta poemas líricos, ocupa lugar singular no conjunto das Escrituras, ao articular oração, experiência histórica e interiorização da Lei. Mais do que simples resposta normativa à Torá, o Saltério constitui-se como espaço privilegiado de releitura orante da fé de Israel, no qual a vida concreta do povo é colocada diante de Deus em forma de súplica, louvor, lamento e ação de graças. Redigidas ao longo do primeiro milênio a.C., essas composições preservam a memória espiritual de gerações que aprenderam a interpretar sua história à luz da presença – por vezes silenciosa – do Senhor.

Entre os salmos de lamento individual, o Salmo 22 destaca-se pelas densidades literária e teológica com que expressa o drama do justo sofredor. Trata-se de um poema cuidadosamente estruturado, tradicionalmente organizado em três grandes movimentos: súplica (vv. 2–22), ação de graças (vv. 23–27) e abertura universal ou perspectiva profético-messiânica (vv. 28–32). Essa leitura encontra eco em estudos clássicos sobre a poética dos Salmos (Ballarini; Reali, 1985, p. 128). Essa progressão interna não apenas confere unidade ao texto, mas revela um itinerário espiritual no qual a dor extrema não suprime a fé, antes a conduz a um novo horizonte de sentido.

Nas últimas décadas, a pesquisa exegética tem dedicado crescente atenção ao papel da imagética animal na Bíblia Hebraica, reconhecendo-a não apenas como recurso retórico, mas como elemento constitutivo da linguagem teológica e antropológica dos textos. Estudos

recentes evidenciam que a presença de animais nos Salmos participa ativamente da construção do sentido, articulando experiências de ameaça, vulnerabilidade e conflito em chave simbólica (Strawn, 2009; Dell, 2010). Nesse horizonte, a imagética zoomórfica deixa de ser compreendida como mera ornamentação poética e passa a ser interpretada como mediação significativa da experiência do justo sofredor, inserindo-se em uma tradição mais ampla de reflexão sobre o mundo não humano na literatura sapiencial e poética de Israel (Whitekettle, 2018; Forti, 2018).

O orante apresenta-se, inicialmente, como um eu piedoso que não dissocia fé e existência. Sua voz, porém, ultrapassa a esfera estritamente individual e assume progressivamente contornos coletivos, tornando-se representativa da experiência de um justo perseguido. Ao longo da tradição bíblica, esse sujeito sofredor foi interpretado de múltiplas maneiras, sendo associado a figuras como Davi em fuga diante de Saul [1Sm 23,25–26] (Patterson, 2004, p. 214), Jó em seu drama existencial [Jó 22,1s] (Ravasi, 2002, p. 872), bem como ao Servo do Senhor nos cânticos isaianos [Is 42,1-9; Is 49,1-13; Is 50,4-9; Is 52,13-53,12] (Bíblia do Peregrino, 2002). Allen P. Ross, em seu comentário aos Salmos, observa que também personagens como Jeremias [Jr 37,11s] e Ester [Est 7,1s] foram compreendidos, em certos contextos, como possíveis espelhos dessa experiência (Ross, 2016, vol. 1, p. 578). Tal pluralidade de leituras indica que, à medida que o poema avança, os pronomes de caráter pessoal perdem sua função meramente dêitica (Patterson, 2004), abrindo-se a uma compreensão mais ampla do justo sofredor, possivelmente identificado com o povo exilado, cuja esperança de libertação repousa no Senhor, Deus de Israel.

A recepção cristã do Salmo 22 intensificou ainda mais essa abertura hermenêutica. O fato de Jesus ter assumido, na cruz, as palavras iniciais do salmo – “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” – [Sl 22,2a; Mt 27,46; Mc 15,34] favoreceu sua leitura à luz do mistério da Paixão. Sem anular seu enraizamento veterotestamentário, o poema passou a ser reconhecido também como chave interpretativa do sofrimento de Jesus de Nazaré. Nesse horizonte, o abandono experimentado não elimina a fé, mas a expõe em sua forma mais radical, sustentada pela confiança no Deus santo, entronizado nos louvores de Israel [Sl 22,4–6], mesmo quando o orante se percebe reduzido à condição de “verme e não homem” [Sl 22,7].

No decorrer de seu percurso literário, o Salmo 22 constrói-se a partir de uma dinâmica polifônica cuidadosamente articulada. O discurso alterna entre o *eu* do sofredor, o *tu* dirigido ao Senhor e um *eles* que designa, de um lado, os adversários maledicentes – frequentemente associados, de modo metafórico, a animais ferozes – e, de outro, a

assembleia dos fiéis que reconhece a soberania de Deus. Essa alternância de vozes estrutura o poema e aprofunda sua força expressiva, permitindo que a experiência individual do sofrimento se abra à dimensão comunitária e universal da fé.

Longe de ser verborrágico, o Salmo 22 revela uma economia poética rigorosa, na qual cada palavra é escolhida com precisão e cumpre uma função expressiva essencial na tessitura do poema. Tal característica confirma a íntima relação entre forma literária e conteúdo teológico, aspecto fundamental tanto para a reflexão acadêmica quanto para sua ressonância na práxis pastoral. Nesse horizonte, a recorrente imagética animal – touros (Sl 22,13), leões (Sl 22,14), cães (Sl 22,17.21) e búfalos (Sl 22,22) – não constitui mero ornamento retórico, mas expressa, em linguagem simbólica, a violência moral, social e espiritual que cerca o justo sofredor, sem romper o vínculo de confiança que sustenta sua oração. A leitura do poema em hebraico evidencia variações rítmicas e formas distintas de paralelismo poético, características próprias da poesia bíblica (Ballarini; Reali, 1985)<sup>1</sup>.

Partindo dessa constatação, o presente estudo propõe uma leitura teológico-literária do Salmo 22, com atenção especial à função da imagética animal na construção do sentido do poema. Ao perseguir literária e tematicamente essas imagens, busca-se demonstrar como contribuem para uma teologia do sofrimento que não exclui a criação não-humana do horizonte da revelação, abrindo-se, ao final, para uma perspectiva universal na qual todos os confins da terra são convocados ao reconhecimento da soberania do Senhor. Assim, o Salmo 22, amplamente conhecido no contexto litúrgico, é aqui escutado novamente a partir de uma tradução mais literal, como texto vivo que continua a interpelar a fé e a reflexão teológica contemporâneas.<sup>2</sup> O Salmo 22 revela-se como um texto paradigmático para a

<sup>1</sup> No Salmo 22, conforme a Bíblia do Peregrino, observam-se diferentes formas de paralelismo poético. O *paralelismo sinonímico* aparece, por exemplo, em Sl 22,2 (“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” // “por que estás longe de salvar-me, longe das palavras do meu clamor?”), em que o segundo membro retoma e intensifica o primeiro. O *paralelismo antitético* pode ser identificado em Sl 22,4–5, ao contrastar a confiança dos antepassados com a situação de abandono do orante. Já o *paralelismo sintético* ocorre, por exemplo, em Sl 22,29–32, onde cada membro acrescenta uma nova ideia ao anterior, ampliando progressivamente o horizonte universal do louvor. Essas formas estruturais evidenciam a riqueza composicional do poema e sua dinâmica interna de sentido. Ao ler o texto poético em hebraico, observa-se que o ritmo métrico não é uniforme: alterna-se entre esquemas de 3 + 3, 4 + 4, 3 + 2 e até 2 + 2 + 2. Além disso, o poema faz uso recorrente do paralelismo sinonímico e antitético (vv. 2–27), bem como do paralelismo sintético ou complementar (vv. 28–32), elementos fundamentais da poética hebraica. Sobre essas estruturas métricas e paralelísticas, ver Ballarini e Reali (1985, p. 128). Para uma abordagem gramatical e literária mais ampla do paralelismo hebraico, cf. também Alonso Schökel (1992).

<sup>2</sup> No âmbito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o grupo de pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação de Textos do Antigo Testamento) tem desenvolvido, nos últimos anos, estudos relevantes que articulam exegese bíblica, criação e teologia, com especial atenção aos animais, vegetais e elementos da natureza nos Salmos. O grupo TIAT (Tradução e Interpretação de Textos do Antigo Testamento), sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tem produzido estudos recentes que exploram a relação entre poesia bíblica, criação e teologia, com destaque para a presença de elementos naturais nos Salmos. (Grenzer, 2020a; Grenzer, 2020b; Grenzer, 2023; Grenzer; Agostinho, 2021; Grenzer; Barros; Dantas, 2022)

compreensão da oração no limite da dor, no qual a confiança em Deus se mantém mesmo diante da experiência do abandono. Amplamente presente na tradição litúrgica cristã, o poema continua a oferecer um horizonte interpretativo fecundo. Propõe-se, portanto, uma nova escuta do texto a partir de uma tradução mais literal.

## 2 APRESENTAÇÃO DO POEMA

Para melhor compreensão do texto bíblico em questão, segue-se uma sistemática básica. Ao lado esquerdo da tabela o interlocutor poderá acessar a língua na qual o Salmo 22 foi originalmente escrito, ou seja, o hebraico. Em seguida, os versos serão organizados em linhas e alocados no centro da tabela. Por fim, ao lado direito da tabela, apresenta-se uma tradução própria. Esta última se propõe a seguir com exatidão o texto em hebraico extraído da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (Elliger; Rudolph, 1997, p. 1102), edição crítica comumente utilizada no meio acadêmico.

**Tabela 1 – Texto hebraico, segmentação versicular e tradução do Salmo 22**

Em hebraico	Versículos	Em português
לִמְנַצֵּחַ עַל-אֵילַת הַשָּׁחַר מְזִמּוֹר ל':	(v. 1)	Ao regente do coro: segundo a corça da aurora. Um salmo de Davi.
אֱלֹהֵי אֱלֹהֵי לְמָה עָזַבְתָּנִי	(v. 2a)	Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?
רְחוֹק מִיְשׁוּעָתִי דְבַרִי שְׂאֵגָתִי:	(v. 2b)	Estás longínquo da minha libertação, das palavras de minha queixa.
אֱלֹהֵי אֶקְרָא יוֹמָם וְלֹא תִעָנֶה	(v. 3a)	Deus meu, clamo-te de dia e não respondes:
וְלַיְלָה וְלֹא-דוֹמִיָּה ל':	(v. 3b)	de noite, e não me dou silêncio (descanso).
וְאַתָּה קָדוֹשׁ	(v. 4a)	Todavia, tu és Santo:
יּוֹשֵׁב תְּהִלּוֹת יִשְׂרָאֵל:	(v. 4b)	assentado sobre os louvores de Israel.
בְּךָ בִטְחוּ אֲבוֹתֵינוּ	(v. 5a)	Em Ti confiaram nossos pais,
בִּטְחוּ וַתַּפְלִטֵמוּ:	(v. 5b)	confiaram e Tu os libertaste.
אֵלֶיךָ זָעְקוּ וְנִמְלָטוּ	(v. 6a)	A Ti eles gritaram e saíram indenos,
בְּךָ בִטְחוּ וְלֹא-בוֹשׁוּ:	(v. 6b)	em Ti confiaram e não se confundiram.

<b>וְאֲנִי תוֹלַעַת וְלֹא-אִישׁ</b>	(v. 7a)	Eu, entretanto, sou um verme e não um homem:
<b>חֲרַפְתָּ אָדָם וּבָזוּי עָם:</b>	(v. 7b)	contumélia da humanidade e vilipendiado pelo povo.
<b>כָּל-רְאִי יִלְעֲגוּ לִי</b>	(v. 8a)	Todos os que me veem fazem caretas para mim.
<b>יִפְטִירוּ בְשֵׁפָה יִנְיעוּ רֹאשׁ:</b>	(v. 8b)	Abrem os lábios e brandem a cabeça.
<b>גַּל אֶל-יְהוָה יִפְלְטֵהוּ</b>	(v. 9a)	Volta-te para o Senhor. Que ele o liberte.
<b>יִצִּילֵהוּ כִּי חִפֵּץ בּוֹ:</b>	(v. 9b)	Que o livre, porque mostra agrado por ele.
<b>כִּי-אַתָּה גַחֵי מִבֶּטֶן</b>	(v. 10a)	Foste tu que me tiraste do ventre
<b>מִבְּטִיחִי עַל-שְׁדֵי אִמִּי:</b>	(v. 10b)	e me confiaste aos peitos de minha mãe.
<b>עָלַיךָ הִשְׁלַכְתִּי מִרְחֹם</b>	(v. 11a)	Sobre ti fui decepado (expulso) desde as entranhas:
<b>מִבֶּטֶן אִמִּי אֵלַי אַתָּה:</b>	(v. 11b)	a partir do ventre de minha mãe, meu Deus, és tu.
<b>אַל-תִּרְחַק מִמֶּנִּי כִּי-צָרָה קְרוּבָה</b>	(v. 12a)	Não fiques longe de mim, porque o perigo é iminente.
<b>כִּי-אֵין עֹזָר:</b>	(v. 12b)	Posto que não há quem me assista.
<b>סָבְבוּנִי פְרִים רַבִּים</b>	(v. 13a)	Margearam-me touros muitos,
<b>אַבִּירֵי בָשָׁן כְּתֵרוּנִי:</b>	(v. 13b)	touros poderosos de Basã me cercaram.
<b>פָּצוּ עָלַי פִּיהֶם</b>	(v. 14a)	Abriram contra mim suas bocas,
<b>אַרְיֵה טָרַף וְשָׂאָג:</b>	(v. 14b)	como um leão destroçando e rugindo.
<b>כַּמִּים נִשְׁפַּכְתִּי</b>	(v. 15a)	Como água derramada
<b>וְהִתְפָּרְדּוּ כָל-עַצְמוֹתַי</b>	(v. 15b)	desconjuntaram-se todos os meus ossos.
<b>הָיָה לִבִּי כְדוֹנָג</b>	(v. 15c)	Tornou-se meu coração como a cera,
<b>נִמַּס בְּתוֹךְ מַעֵי:</b>	(v. 15d)	derreteu-se no âmago de minhas entranhas.
<b>יִבֶּשׂ כַּחֲרֹשׁ   וְלִשׁוֹנִי כַחֵי</b>	(v. 16a)	Árida como a cerâmica é minha força,

<b>וּלְשׁוֹנִי מִדְּבַק מִלְקוֹחֵי</b>	(v. 16b)	e minha língua está grudada à minha mandíbula,
<b>וְלַעֲפֹר־מוֹת תִּשְׁפֹּתֵנִי:</b>	(v. 16c)	e, para o pó da morte, preparas-me.
<b>כִּי סָבְבוּנִי כְּלָבִים</b>	(v. 17a)	De modo que me cercaram cães (mastins),
<b>עֲדַת מַרְעִים הַקִּיפוּנִי</b>	(v. 17b)	um bando de malfeitores me cercou,
<b>כָּאֲרֵי יְדֵי וְרַגְלָי:</b>	(v. 17c)	perfurando minhas mãos e meus pés.
<b>אֲסַפֵּר כָּל־עֲצָמוֹתַי</b>	(v. 18a)	Posso contar todos os meus ossos.
<b>הֵמָּה יְבִיטוּ יִרְאוּ־בִי:</b>	(v. 18b)	Eles olham e observam-me.
<b>יַחֲלְקוּ בְּגָדֵי לֵהֶם</b>	(v. 19a)	Dividem minhas roupas para si mesmos,
<b>וְעַל־לְבוּשֵׁי יִפִּילוּ גֹרֵל:</b>	(v. 19b)	e sobre minha veste, tiraram a sorte.
<b>וְאַתָּה יְהוָה אַל־תִּרְחַק</b>	(v. 20a)	Mas tu, Senhor, não fiques longe!
<b>אֲיִלוֹתַי לַעֲזֹרְתִי חוֹשָׁה:</b>	(v. 20b)	Ó minha força, em meu socorro, apressa-te!
<b>הַצִּילָה מִחֶרֶב נַפְשִׁי</b>	(v. 21a)	Arranca da espada minha vida,
<b>מִיַּד־כָּלֵב יַחֲדִיתַי:</b>	(v. 21b)	da garra do cão a única (vida)!
<b>הוֹשִׁיעֵנִי מִפִּי אֲרִיָּה</b>	(v. 22a)	Salva-me da goela do leão
<b>וּמִקְרָנֵי רִמִּים</b>	(v. 22b)	e dos chifres de búfalos!
<b>עֲנִיתַנִּי:</b>	(v. 22c)	Atendeste-me.
<b>אֲסַפְּרָה שִׁמְךָ לְאָחֵי</b>	(v. 23a)	Proclamarei teu nome aos meus irmãos:
<b>בְּתוֹךְ קַהֲלֵ אֶהְלֵלְךָ:</b>	(v. 23b)	no centro da assembleia, louvar-te-ei.
<b>יִרְאֵי יְהוָה   הַלְלוּהוּ</b>	(v. 24a)	Vós, que temeis ao Senhor, louvai-o!
<b>כָּל־זֶרַע יַעֲקֹב כִּבְדוּהוּ</b>	(v. 24b)	Vós, todos, descendentes de Jacó, honrai-o!
<b>וְגֹרוֹ מִמֶּנּוּ כָל־זֶרַע יִשְׂרָאֵל:</b>	(v. 24c)	Tendes medo dele, vós todos, descendentes de Israel!
<b>כִּי לֹא־בָזָה</b>	(v. 25a)	Porque não desprezou

וְלֹא שָׁקַץ עֲנוּת עַבְדִּי	(v. 25b)	e não abominou o sofrimento do humilhado.
וְלֹא־הִסְתִּיר פָּנָיו מִמֶּנּוּ	(v. 25c)	E não ocultou a sua face dele,
וּבְשֹׁעוֹ אֵלָיו שָׁמַע:	(v. 25d)	e quando gritava por auxílio, escutou-o.
מֵאֵתְךָ תְּהִלַּתִּי בְּקִהְלֵךְ רַב	(v. 26a)	De ti vem meu louvor na assembleia numerosa:
נְדַרֵי אֲשֶׁלֶם נֶגְדַי יִרְאִיו:	(v. 26b)	minhas promessas pagarei diante dos que o temem.
יֹאכְלוּ עֲנֻיִם   וַיִּשְׂבְּעוּ	(v. 27a)	Comerão os humildes e se saciarão.
יְהַלְלוּ יְהוָה דְּרָשָׁיו	(v. 27b)	Louvarão o Senhor aqueles que o procuram.
יְחִי לְבַבְכֶם לְעַד:	(v. 27c)	Torna a viver o vosso coração para sempre!
יִזְכְּרוּ   וַיִּשְׁבּוּ אֶל־יְהוָה	(v. 28a)	Lembrar-se-ão e se prostrarão ao Senhor:
כָּל־אֶפְסֵי־אָרֶץ	(v. 28b)	todos os confins da terra,
וַיִּשְׁתַּחֲווּ לְפָנֶיךָ כָּל־מִשְׁפְּחוֹת גּוֹיִם:	(v. 28c)	e se curvarão diante dele todos os clãs das nações.
כִּי לַיהוָה הַמְּלוּכָה	(v. 29a)	Porque ao Senhor pertence a realeza:
וּמִשָּׁל בְּגוֹיִם:	(v. 29b)	é quem governa sobre as nações.
אֲכָלוּ וַיִּשְׁתַּחֲווּ   כָּל־דֹּשְׁנֵי־אָרֶץ	(v. 30a)	Comerão e se curvarão todos os gordos da terra:
לְפָנָיו יִכְרְעוּ כָּל־יֹרְדֵי עֶפֶר	(v. 30b)	diante dele curvam-se todos os que descem ao pó
וּנְפָשׁוֹ לֹא חִיָּה:	(v. 30c)	e quem sua alma não conservou viva.
זָרַע יַעֲבֹדְנוּ	(v. 31a)	A descendência o adorará:
יִסְפַּר לְאָדָמִי לְדוֹר:	(v. 31b)	se contará a respeito do Senhor à geração
יְבֹאוּ	(v. 32a)	dos que virão.
וַיְגִידוּ צְדָקָתוֹ לְעַם נֹלָד	(v. 32b)	E declararão sua justiça para um povo que está prestes a nascer,
כִּי עָשָׂה:	(v. 32c)	Porque ele agiu.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Eis uma verdadeira obra de arte, tecida no antigo Israel bíblico com linhas vivas e cores múltiplas. Ausência e presença, baixeza e altura, aniquilamento e reerguimento dão-se as mãos. Inicialmente o poeta, que é senhor de si e de sua dor, sabe a quem deve destinar sua prece: a *Deus* (לֵא). Cantado por quatro vezes ao longo do poema lírico, nos vv. 2a<sup>(2x)</sup>, 3a e 11b. Este último ora parece estar escondido, ora apresenta-se como quem deseja salvar e proteger. *Deus* (אֱלֹהִים) é invocado quando o salmista experimenta o grau mais degradante no qual se pode tocar a vida humana, isto é, *um verme* (תוֹלַעַת) (v. 7a), ser abjeto e desprezível. No entanto, sua prece é ousada e sua fé é valente, dobra a aposta, põe-se a *clamar* (קָרָא) (v. 3a), adjetiva Deus em sua devida natureza, *santo* (שְׁדוּדִים) (v. 4a), resgata a memória da história de seus antepassados (v. 5a), desce ao mais profundo de si, isto é, ao *ventre da mãe* (מִבֶּטֶן אִמִּי) e a alquimia da fé o leva a concluir: “meu Deus, és tu (אֱלֹהֵי אֲתָה)” (v. 11b). A insuficiência experimentada pelo orante fê-lo tocar a ternura do mistério que dele nunca se apartou, nem se escondeu.

Se *Deus* (אֱלֹהִים), de ausente e abscondito que fora, nos inícios da prece, tornou-se vizinho e próximo pelo pronome possessivo *meu* (שִׁלִּי); agora, ao voltar-se para o *Senhor* (יְהוָה) – aquele que *liberta* (פָּלַט) (v. 9a) e o faz à medida em que não se *distancia* (רָחַק) (v. 20a), cujo nome é cantado no estilo literário de 6 + 1, conforme os vv. 9a, 20a, 24a, 27b, 28a, 29a e 31b, isto é, cálculo perfeito e preciso a indicar totalidade na matemática bíblica hebraica – os *tementes* devem *louvar* (הִלֵּל) (v. 24a), *procurar* (דָּרַשׁ) (v. 27b), *lembrar* (זָכַר), *prostrar* (שׁוּב) (v. 28.a) e se *curvar* (כָּרַע) (v. 30b), diante do *Senhor* (יְהוָה), pois é dele a *realeza* (הַמְּלִיכָה) (v. 29a). Junto ao Salmo 22 o interlocutor cultiva a sensação de que o orante não pretende sanar o mal, nem tampouco questionar o plano providencial divino. Deseja apenas ser tratado do mal que lhe corrói e o abaixa ao nível mais degradante de todos. Sim, não elimina o mal, mas o repara, à medida em que o conhece e o aceita. Lido nesta ótica hermenêutica, em nada o envelhecido poema é insuficiente quando, bíblicamente, sua cena é acomodada e transladada para a cena da Paixão de Jesus Cristo.

Desde os inícios da prece lírica, o orante não teme demonstrar a maneira como o caos se instala e a quão rígida é sua força, por isso, as imagens mudam tão rapidamente, como as letras de uma canção. Por exemplo, o *dia* (יּוֹם) (v. 3a) que, em princípio, deve ser o lugar do barulho, torna-se o momento do silêncio. E a *noite* (לַיְלָה) (v. 3b), preparada para o sossego, ganha em inquietação. Também se torna insuportável o seu convívio social, pois todos os que o veem lhe fazem *caretas* (יִלְעָגוּ) (v. 8a), com *lábios* (שִׁפְתָּי) abertos não para bendizer, mas para criticar, e *cabeça* (רֹאשׁ) destinada não para pensar, mas aqui empregada para

esbravejar, enfurecer-se e enraivar-se. Quer dizer, a dor física aos poucos é elevada à outra modalidade de dor: a moral! E esta será metaforizada, no dizer de Ravasi, por meio de uma *simbologia zoomórfica* (Ravasi, 2002, p. 874). A maldade humana se avolumou de tal modo que no Salmo 22 foi desenhada a partir do mundo irracional. Inaugurando um vocabulário bestial, vê-se como o orante, chamado por Allen Ross de nosso *Jó em miniatura* (Ross, 2011, p. 581), se sairá. Afinal, como ensina o poeta e ensaísta francês Charles Péguy: “o difícil é ter esperança em voz baixa e vergonhosamente. O fácil é desesperar e essa é a grande tentação” (Péguy, 2014, p. 184).

### 3 TOUROS

Ao sentir o perigo de modo iminente, o orante declara: “margearam-me muitos touros (סָבְבוּנִי פָּרִים רַבִּים)” (v. 13a). Trata-se de uma oração composta pelo verbo *margear* (סבב) no grau do Qal, perfeito, na terceira pessoa do plural, no sentido de rodear, contornar e/ou encurrular. É seguido do substantivo masculino plural no absoluto traduzido por “touros (פָּרִים)”, mais o adjetivo masculino plural também no absoluto, *muitos* (רַבִּים). E, em seguida, a fim de tonificar a veracidade do perigo sentido, diz: “touros poderosos de Basã me cercaram (אֲבִירֵי בָּשָׁן כִּתְרוּנִי)” (v. 13b). Este último verso é compreendido por um adjetivo masculino plural no construto: *touros poderosos* (אֲבִירֵי), seguido por um complemento de nome próprio, isto é, *Basã* (בָּשָׁן), mais o verbo *cercar* (כתר) no grau do Piel, perfeito, na terceira pessoa do plural. De acordo com a concordância nos textos da Bíblia Hebraica, o substantivo *touros* (פָּרִים) aparece cento e trinta e três vezes. No livro dos Salmos consta apenas cinco presenças.

De um lado, o *touro* (פָּר) pertence a Deus, bem como qualquer outro *animal do bosque* (Sl 50,9), por isso, ao subir *ao altar*, a fim de exercer um *holocausto completo*, tal rito pode ser recebido por parte de Deus, como *sacrifício de justiça* (Sl 51,21). De outro, *louvar o nome de Deus* por meio de um *canto* e *agradecê-lo com ação de graças*, é melhor para o *Senhor* do que um *touro* (Sl 69,32). Afinal, *touros poderosos de Basã* (Sl 22,13<sup>(2x)</sup>) embora seja, na literatura, apenas uma *forma estilística*, na vida concreta esta forma é capaz de *materializar a experiência* sentida (Schökel; Carniti, 1996, p. 363). Ao fazê-lo, o orante lembra que sua *luta* ainda não foi *superada*, o *medo* que lhe advém dos *inimigos* o abala. Tanto é que precisa a região: *Basã* (בָּשָׁן) localizada a *leste do Jordão*, e conhecida pela *raça forte* do seu *gado* (Weiser, 1962, p. 160). No fundo, é como se as imagens perseguissem a mente do orante, e a todo instante elas funcionassem como um portal a lembrar-lhe sobre

seus inúmeros inimigos. Haja vista que todas as vezes que a região de Basã é lembrada, nos textos veterotestamentários, sobretudo no livro do profeta Amós, carrega uma *conotação negativa* e que tais imagens personificadas referem-se a *reis violentos* e a *práticas pagãs* (LoMusio, s.d., *tradução nossa*). *Basã* (בַּשָּׂן), juntamente com sua força brutal e irracional, é, ao que parece, o endereço da *maldade* que cresceu. O mesmo ocorre com a *erva daninha* (Mt 13,25): avultou-se e chegou até a cruz tornando-se, por meio dos inimigos e dos algozes de Jesus de Nazaré, mecanismos maledicentes perfeitos, capazes de ridicularizar o inocente de Deus que, sem culpa alguma, na cruz padeceu. O grito do salmista “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste (אֱלֹהֵי אֱלֹהֵי לָמָּה עָזַבְתָּנִי)” (v. 2a) verbaliza o seu clamor, potencializa a sua dor e revela sua impotência. Mas o grito logo se transformou em suspiro, o vexame, em doçura, e a força executória dos maledicentes caiu sobre o fraco e inocente, transformando-O em força memorável de Amor. O grito do salmista: ‘Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste (אֱלֹהֵי אֱלֹהֵי לָמָּה עָזַבְתָּנִי)’ (v. 2a) verbaliza o seu clamor, potencializa a sua dor e revela sua impotência. Na releitura cristã, esse mesmo grito ressoa nos lábios de Jesus na cruz. Mas o grito logo se transformou em suspiro, o vexame, em doçura, e a força executória dos maledicentes caiu sobre o fraco e inocente, transformando-O em força memorável de Amor.

#### 4 LEÕES

Não bastando a aposta que fizera acerca dos *touros* (פָּרִים) (v. 13a), tão conhecidos por sua força e bravura, o orante intensifica e estrutura sua prece literária, apostando em mais uma imagem. Desta vez, trabalhará com a imagética leonina: “como um leão destroçando e rugindo (אָרְיָה טָרַף וְשָׁאָג)” (v. 14b). Morfologicamente, este verso hebraico contém o substantivo masculino singular no absoluto traduzido como *leão* (אָרְיָה), seguido de mais dois verbos no grau do Qal, no perfeito, masculino singular. Sendo o primeiro deles traduzido como *destroçar* (טָרַף) e o segundo como *rugir* (שָׁאָג). Ambos os verbos apresentam, na língua hebraica, o fenômeno gramatical denominado apócope, isto é, uma redução fonética que incide, em geral, sobre a sílaba final (Joüon; Muraoka, v. 2, 2006, § 90). Enquanto em toda a Bíblia Hebraica o *leão* (אָרְיָה) aparece quarenta e oito vezes, nos Salmos, cinco são suas presenças.

Em princípio, trata-se de um animal que causa pânico e pavor. Veja-se, por exemplo, a reação de Davi às palavras do cuchita, quando este último lhe trouxe a triste notícia acerca da morte de seu filho Absalão (Sl 7,1; 2Sm 18,21-32). Neste contexto, o pedido do rei foi

formulado do seguinte modo: “salva-me de todos os meus perseguidores e liberta-me, para que ninguém despedace minha alma como um leão, dilacerando-a sem que haja um libertador” (Sl 7,2-3). Além disso, este animal costuma permanecer em um *covil*, cena perfeita, mediante a qual prepara sua próxima refeição ao atingir sua presa, dominando-a até *capturá-la* (Sl 10,9). *Leões* (לְיָרֵאֵל), inclusive *leões jovens* (לְיָרֵאֵלִים), quando ávidos a *despedaçar* sua presa, tornam-se nos Salmos semelhança ímpar a seres humanos que, na vida, insistem em ser para o outro *inimigo ambicioso* cujo fruto volitivo da própria ação moral é sempre a *perversidade* (Sl 17,12).

Ao poetizar sobre a imagem do leão, o orante descreve uma moldura literária inclusiva, bem precisa: no v. 14a do Salmo 22 o *leão* com sua *boca grande* é aquele que *destroça* e *ruge* (v. 14a). E no v. 22a, ao falar novamente sobre este animal, eis o seu pedido junto ao *Senhor* (יְהוָה): *salva-me da goela* (מַפֵּי) do *leão* (לְיָרֵאֵל). Quer dizer, do início ao fim da poesia, trata-se de um animal perigoso e emblemático. Contudo, em tempos outrora vividos, as tribos de Judá e de Dã foram cantadas, amavelmente, como *leãozinho* do Senhor, Deus de Israel (Gn 49,9). Além do mais, há, no Salmo 22, um pormenor teológico que enriquece nossa hermenêutica, a saber, o *grito* ou a *queixa* (שִׁעָרָה) cantada pela boca do servo no v. 2b encontra sua correspondência no v. 22a ao *pedido de socorro*, traduzido como *salva-me* (הוֹשִׁיעֵנִי), formando, no dizer de Allen Ross, um *paralelismo sinonímico* (Ross, 2011, p. 584). Enfim, convicto de sua insuficiência, o orante apega-se em quem crê, isto é, em Deus, seu *bem único* e sua *força* última (Weiser, 1962, p. 161).

## 5 CÃES

À medida que o poema lírico avança, as imagens ajudam o interlocutor a compreender o sentido desejado pelo orante. Por exemplo, o *cão* (כֶּלֶב) se define como aquele que possui *garra* (מַיִד) (v. 21b), o *leão* (לְיָרֵאֵל) detentor de uma *goela* (מַפֵּי) (v. 22a) e os *búfalos* (בָּרָמִים) destacam-se pelos seus *chifres* (קַרְנוֹת) (v. 22b). Ficando os *touros* (בָּקָרִים), conforme visto há pouco, como os representantes da *força selvagem* que habita o mundo criado (Is 34,7). Descrevendo tais imagens, o poeta, interiormente, apresenta sua situação trágica diante do mistério da vida. Sabe-se possuidor de apenas uma e, a cada instante vivido, tem consciência de poder perdê-la em uma fração de segundos. O que, no entanto, o enobrece? Sua resiliência. Seja observado que, embora descreva a sua latente dor e iminente perigo, o orante não *invoca* a *ira divina* sobre os *inimigos* e nem fala em *vingança* sobre eles (Weiser, 1962, p. 161). Isso o torna um ser humano capaz de ser, para a história do

antigo Israel e a nossa, paradigma, isto é, modelo. Uma espécie de *tipo* para Jesus de Nazaré, ao passo que este último se configura, em relação ao servo do Salmo 22, como seu *antítipo*, segundo a leitura tipológica tradicional da exegese cristã (Brown, 2004, p. 125).

Precisamente nos vv. 21a-b, o orante utilizou-se de apenas seis palavras na língua hebraica para expressar a magnitude de sua dor. Em primeiro lugar diz: *arranca da espada minha vida*. Neste caso, tem-se a presença do verbo *arrancar* (לָצַח) no grau do Hifil, imperfeito, no masculino singular, seguido do substantivo feminino singular, no absoluto, compreendido como *espada* (בָּרָחַ), mais o substantivo masculino e feminino singular no construto traduzido como *vida* (שָׁחַח). E, em segundo lugar, completa: *da garra do cão a única vida*. Mais três palavras em hebraico. Sendo as duas primeiras compostas por dois substantivos, isto é, *garra* (טַף) de gênero feminino singular, no caso do construto; e *cão* (לָבַב), de gênero masculino singular, no caso do absoluto. Por fim, tem-se também uma espécie de adjetivo no gênero feminino singular, no caso do construto, traduzido por *a única vida* (אֶחָדָה) e significando também *minha única vida*.

Em toda a Bíblia Hebraica, *cães* (לָבַב) aparecem trinta e duas vezes. Mas, no livro dos Salmos suas presenças constam apenas cinco vezes (Sl 22,17.21; 59,7.15; 68,24). Semelhante estrutura de ocorrências deu-se até agora com os *touros* e os *leões*. Isso indica que a partitura dos Salmos tem consistência poética e lírica. Quem reza junto a estas poesias ora percebe que *soberbos e arrogantes no entardecer* do dia voltam para a cidade, *uivando* como *cães* (לָבַב) (Sl 59,6-7.15); ora quem fará voltar seu povo será o próprio Senhor, mas devem-se guardar os devidos cuidados, por ocasião deste retorno, pois *cães* (לָבַב) indomáveis e/ou indomesticáveis poderão se aproveitar da situação de fragilidade (Sl 68,24). Que não ocorra com os tementes a Deus o que se sucedeu com Jezabel, comida pelos *cães* (לָבַב) no campo de *Jezrael*, sem direito ao *sepultamento* tamanho foi o mal por ela praticado (2R 9,10.36).

Por fim, ao falar sobre *cães* (לָבַב), o orante traz um pormenor teológico chamativo. Sendo o cão um animal que *uiva*, o barulho causado por este movimento, de um lado, provoca pânico em sua presa, mas, de outro lado, torna-se trampolim para gritar a Deus. O servo do Salmo 22 sabe que o Senhor, Deus de Israel, escuta a prece daquele que a Ele grita *dia e noite* pela sua presença (Sl 88,2). Isso o faz apostar na seguinte sentença: *atendeste-me!* Quer dizer, o barulho dos *cães* coloca em xeque o bem mais precioso pertencente ao orante: sua vida. E, quando isso ocorre, este último sabe que o único caminho a trilhar é o da fé. Graças ao exercício deste dom, o orante enfrentará: *touros* (v. 13), *leões* (v. 14), *cães* (v. 17) e, inclusive, *búfalos* (v. 22).

## 6 BÚFALOS

O v. 22 inicia-se com um verbo em condições de imperativo: *salva-me* (יְהוֹשִׁיעֵנִי). Este verbo servirá tanto para o livramento da presa junto ao *leão* bem como para os *chifres dos búfalos* (וּמִקְרָנֵי רְמִים) – substantivo feminino dual no construto traduzido por *e dos chifres* (וּמִקְרָנֵי) –; mais um substantivo masculino plural no absoluto compreendido como *búfalos* (רְמִים). Ao que parece, a partir daí desaparecerá o imperativo; tanto é que, no v. 22c, a última palavra escrita se classificará como *verbo paralelo de solicitação*, traduzida aqui por: *atendeste-me* (Ross, 2011, p. 511). Daí por diante, o hino assume as coordenadas da poesia e uma espécie de liturgia coletiva tomará conta dos versos até o clímax do Salmo.

Em toda a Bíblia Hebraica, incluindo os Salmos, por doze vezes lembra-se acerca dos *búfalos* (רְמִים). Ao longo dos séculos, foram compreendidos como animais possuidores de força brutal, mortal e indomável (Jó 39,9). Suas *crias* (Sl 29,6), em geral, eram domesticadas, servindo para *arar a terra* (Jó 39,10). De um lado, o povo *egípcio* por insistir na execução de trabalhos forçados junto aos migrantes foi comparado como quem tem a força de *búfalos* (Nm 23,22; 24,8). De outro, José, o privilegiado, foi enriquecido com bênçãos até no âmbito da cosmologia, considerado “belo como cria de vaca, com grandes chifres de búfalos” (Dt 33,17). Aliás, todos os que pertencem ao grupo oposto aos *perversos* possuem, neste caso, um *chifre como o de um búfalo*, pois, ao lado do *chifre* que cresce, existe a plasticidade dos *músculos* quando estes são atingidos pelo *azeite fresco* (Sl 92,11). No entanto, no dia da *vingança do Senhor*, por ocasião do acontecimento do julgamento escatológico, o profeta Isaías prevê que: a *terra* se empapará com seu *sangue*, pois a *espada do Senhor pinga sangue*. Que sangue? De *cordeiros*, de *bodes*, bem como *sebos* das entranhas de *carneiros* e *cairão*, conjuntamente, *touros*, *bezerros* e *búfalos* (Is 34,6-8).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do percurso exegético, torna-se possível reconhecer que a imagética zoomórfica no Salmo 22 desempenha papel estruturante na construção do drama do justo sofredor. Longe de constituírem meros adornos poéticos, as figuras animais articulam, de modo simbólico e progressivo, diferentes dimensões da experiência de sofrimento. Os touros, associados à força coletiva e opressora, expressam o cerco inicial que se impõe ao orante; os leões, por sua vez, intensificam essa ameaça ao representar a violência predatória e iminente; os cães traduzem a degradação social e a hostilidade persistente dos adversários;

por fim, os búfalos, com sua força indomável, evocam o ápice do perigo, no limiar entre a vida e a morte. Nesse encadeamento imagético, o sofrimento não é apenas descrito, mas poeticamente construído, permitindo que a linguagem dê forma à experiência-limite do abandono sem romper o vínculo fundamental com Deus.

Essa dinâmica evidencia que o Salmo 22 não apenas tematiza o sofrimento, mas elabora uma teologia na qual a vulnerabilidade humana é atravessada por uma confiança que se mantém, ainda que tensionada. A progressão interna do poema — da súplica à ação de graças e à abertura universal — confirma que a experiência do justo não se encerra no lamento, mas se abre à possibilidade de reconhecimento da soberania divina por parte de toda a criação. Nesse sentido, a imagética animal contribui decisivamente para ampliar o horizonte teológico do texto, inserindo o drama humano em um cenário mais amplo, no qual forças simbólicas da criação participam da construção do sentido.

No que diz respeito à recepção do Salmo, a tradição cristã reconheceu nesse poema uma chave interpretativa para a compreensão do sofrimento de Jesus de Nazaré, sobretudo a partir da apropriação de suas palavras iniciais. Tal leitura, embora não esgote o sentido original do texto, evidencia a permanência de sua força simbólica ao longo da história. Ainda assim, do ponto de vista exegético, importa ressaltar que a densidade teológica do Salmo 22 se sustenta plenamente em seu próprio contexto veterotestamentário, no qual o clamor do orante, longe de ser anulado, é acolhido e transformado em louvor.

Desse modo, a análise da imagética zoomórfica permite compreender que o Salmo 22 articula, com notável precisão poética, linguagem, experiência e teologia. Ao dar voz ao sofrimento por meio de imagens retiradas do mundo animal, o texto não apenas comunica uma situação de dor, mas constrói um espaço simbólico no qual a fé se exprime em sua forma mais radical: aquela que, mesmo atravessada pelo silêncio de Deus, persiste em dirigir-se a Ele.

## REFERÊNCIAS

BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. **A poética hebraica e os Salmos**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BÍBLIA DO PEREGRINO. Tradução e notas de Luis Alonso Schökel. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Raymond E. **Introdução à Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

DELL, Katharine J. **The Book of Job as Sceptical Literature**. Berlin: De Gruyter, 2010.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FORTI, Tova. **Animal Imagery in the Book of Psalms**. Leiden: Brill, 2018.

GESENIUS, Wilhelm. **Hebrew Grammar**. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1910.

GRENZER, Matthias. Ação inversora do destino dos pobres: um estudo do Salmo 113. **Atualidade Teológica**, v. 36, p. 441–452, 2010. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.17715>.

GRENZER, Matthias. Caminhos de justos e perversos: exegese do Salmo 1. **Atualidade Teológica**, v. 38, p. 335–348, 2011. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.20325>.

GRENZER, Matthias. Pastoreio e hospitalidade do Senhor: exegese do Salmo 23. **Atualidade Teológica**, v. 41, p. 301–321, 2012. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.21678>.

GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92. **Atualidade Teológica**, v. 24, p. 66–86, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.47868>.

GRENZER, Matthias. Peste e epidemia: configuração poética e reflexão teológica no Salmo 91. **Estudos Teológicos**, v. 60, p. 433–445, 2020b. DOI: <https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/48/39>.

GRENZER, Matthias. Literalidade: desafios ao traduzir os livros Êxodo, Salmos e Cântico dos Cânticos. **Ciberteologia**, v. 19, p. 34–43, 2023. Disponível em: [https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao\\_20230912092511.pdf](https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20230912092511.pdf). Acesso em: 18 jul. 2026.

GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. Árvores nos Salmos: elementos para uma educação espiritual e ambiental. **Encontros Teológicos**, v. 36, p. 439–456, 2021. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1663/1337>. Acesso em: 18 jul. 2026.

GRENZER, Matthias; AMARAL DE LIMA, Cleodon; BARBOSA CARDOSO, Robert. Dele vem minha esperança: um estudo do Salmo 62. **Encontros Teológicos**, v. 39, p. 195–212, 2024. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1849/1507>. Acesso em: 18 jul. 2026.

GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. Pássaros nos Salmos. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 82, p. 115–129, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v82i321.3938>. Acesso em: 18 jul. 2026.

GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. A bondade de Deus no templo e na natureza: uma leitura verde do Salmo 65. **Encontros Teológicos**, v. 38, p. 171–196, 2023. DOI: <https://doi.org/10.46525/ret.v38i1.1787>.

GRENZER, Matthias; RAMOS, M. S. Água nos Salmos: elementos para uma ecoespiritualidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 80, p. 750–763, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29386/reb.v80i317.2247>.

JOÛON, Paul; MURAOKA, Takamitsu. **A Grammar of Biblical Hebrew**. Revised English edition. Roma: Pontifical Biblical Institute, 2006. 2 v.

LOMUSIO, Joe. The bulls of Bashan: just brute beasts? Exegetical notes on Psalm 22:12–13. **Applied Biblical Exegesis**, s.d. Disponível em: [https://www.academia.edu/76551166/The\\_Bulls\\_of\\_Bashan\\_Exegetical\\_Notes\\_on\\_Psalm\\_22\\_12\\_13](https://www.academia.edu/76551166/The_Bulls_of_Bashan_Exegetical_Notes_on_Psalm_22_12_13). Acesso em: 17 fev. 2026.

PATTERSON, Richard D. Psalm 22: From Trial to Triumph. **Journal of the Evangelical Theological Society**, v. 47, n. 2, p. 213–233, 2004. Disponível em: [https://etsjets.org/wp-content/uploads/2010/06/files\\_JETS-PDFs\\_47\\_47-2\\_47-2-pp213-233\\_JETS.pdf](https://etsjets.org/wp-content/uploads/2010/06/files_JETS-PDFs_47_47-2_47-2-pp213-233_JETS.pdf). Acesso em: 18 jul. 2026.

PÉGUY, Charles. **Os Portais do Mistério da Segunda Virtude**. Tradução de Armando Silva Carvalho. São Paulo: Paulinas, 2014.

RAVASI, Gianfranco. **Il libro dei Salmi**. Bologna: EDB, 2002.

ROSS, Allen P. **A Commentary on the Psalms**. Grand Rapids: Zondervan, 2011–2016. 3 v.

SCHÖKEL, Luis Alonso; CARNITI, Cecilia. **Salmos I**. Tradução de José Luis González Faus. São Paulo: Paulus, 1996.

SCHÖKEL, Luis Alonso. **Manual de poética hebraica**. Madri: Cristiandad, 1992.

STRAWN, Brent A. **What is Stronger than a Lion?** Leonine Image and Metaphor in the Hebrew Bible and the Ancient Near East. Friburgo: Academic Press, 2009.

WEISER, Artur. **Os Salmos**. Tradução de Ilson Kayser. São Paulo: Paulus, 1962.

**Conflito de interesses:** O autor declara não haver conflito de interesses.

**Recebido em:** 25-03-2025

**Aprovado em:** 02-06-2026

**Editor-gerente:** Moisés Sbardelotto